

# **FADIGAS, Leonel (2021) – *De Alcobaça à Independência do Brasil: O coronel Isidoro Rodrigues Pereira e as transformações sociais, económicas e políticas no Maranhão colonial entre 1775 e 1825*. Lisboa: Sílabo. 197 p.**

por CARLOS GUARDADO DA SILVA

Professor Auxiliar com Agregação

Centro de Estudos Clássicos, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa

[carlosguardado@campus.ul.pt](mailto:carlosguardado@campus.ul.pt)

ORCID: 0000-0003-1490-8709

***De Alcobaça à Independência do Brasil: O coronel Isidoro Rodrigues Pereira e as transformações sociais, económicas e políticas no Maranhão colonial entre 1775 e 1825***, de Leonel Fadigas, é um estudo biográfico de Isidoro Rodrigues Pereira, um jovem, nascido em Maiorga, no concelho de Alcobaça, que parte à aventura em direção ao Brasil no final do século XVIII, num momento em que tinha crescido a migração para o nordeste, e em que se assistia ao avanço colonizador para o interior do continente sul-americano, varando rios, ou *Varando Mundos*, apropriando-nos do título do livro de Alan Kardec Pachêco Filho (2016), acerca da “ocupação com fins de colonização do sul maranhense, a partir dos sertões dos Pastos Bons, na segunda metade do século XVIII” (contracapa). Uma colonização em busca de novas terras para a plantação de arroz, algodão e cana-de-açúcar, e a criação de gado *vacum*, com a implantação de inúmeras fazendas, adquiridas através do regime de sesmaria, isto é, o modo de distribuição de terras incultas destinadas à produção agrícola.

Sendo um estudo biográfico, integra também elementos genealógicos. Mas é também um estudo de “um tempo e de um lugar” aqui retratados, como o autor nos alerta, em “Aviso ao leitor”, logo no início da obra. Diríamos de tempos e de lugares distintos, não para corrigir o autor, mas para destacar o

conteúdo do livro, que se lê num trago apenas como se de um livro de aventuras se tratasse, e de um livro de aventuras que é, sendo simultaneamente um estudo de cariz histórico, com algum realismo, registo e representação cinematográficos, dada a qualidade e a fluência da sua escrita, mas também a história de Isidoro Rodrigues Pereira, digna de um filme no grande ecrã.

Deste modo, esta é a história das aventuras da criança e do adolescente Isidoro, na vila de Maiorga, que com a juventude obteve o apelido Rodrigues Pereira, e da sua integração e vida adulta no Estado do Grão-Pará e Maranhão. Um estudo em que o autor, seguindo o provérbio árabe, que aqui lembramos, de que os homens são mais filhos do seu tempo do que dos seus próprios pais, nos integra nesse tempo, ou melhor, nesses tempos conjunturais distintos e nos respetivos lugares de Maiorga e Maranhão.

Por outras palavras, esta é uma obra que parte de um indivíduo – Isidoro Rodrigues Pereira, e que a partir da sua lente, o autor descreve, analisa e interpreta um tempo, em permanente devir, e duas comunidades locais – a alcobacense, e mais especificamente a comunidade da Maiorga, e a maranhense – dentro do contexto do império colonial português. Modelo que recupera o género biográfico que, por influência italiana, sobretudo a partir da década de 80 do século XX, permite, a partir de um indivíduo, olhar para o seu tempo, uma vez que cada um é, e só o é, situado num espaço e num tempo. Assim é este estudo também um estudo de duas comunidades, as comunidades de vivência do biografado, nas suas dimensões geográfica, política, económica, social, religiosa e familiar. E não faltam aspetos urbanísticos, da Maiorga e do Maranhão, emergindo aqui a formação académica, por excelência, de Leonel Fadigas.

Para esta aventura oferecida ao leitor, o autor estrutura a obra, e, conseqüentemente, o caminho da leitura, em seis capítulos: A Infância na Maiorga; os primeiros tempos no Maranhão; as fazendas, os negócios e a carreira militar; a vida pessoal e familiar; as conseqüências da Revolução de 1820; e, por último, Isidoro Rodrigues Pereira e a adesão do Maranhão à independência do Brasil, terminando com uma extensa bibliografia e uma cronologia dos acontecimentos, que permite ao leitor acompanhar o curso do tempo.

As aventuras de Isidoro, o quinto de oito filhos, como era comum, que nasceu em 7 de maio de 1758, na Maiorga, uma vila dos Coutos de Alcobaça, junto das terras férteis que, no período romano, pertenceram à outrora Lagoa da Pederneira, mas que se foram assoreando ao longo da Idade Média, sendo, no século XVIII, terrenos de cultivo de vários cereais e leguminosas, de que se destacava o milho. Pois este é um livro que dá voz ao cultivo das

terras de Maiorga, onde Isidoro vivera a sua infância e onde, seguindo o percurso de tantos outros, se não tivesse emigrado, teria tido uma vida dedicada à agricultura, lançando ciclicamente à terra as sementes e os suorres do rosto, com as mãos com que se benzeria procurando que a mesma terra e a Providência lhe devolvessem colheitas generosas. Aqui se encontram páginas dedicadas ao cultivo da terra em Maiorga na centúria de setecentos, páginas em que Leonel Fadigas também cultivava a Maiorga, no seu sentido etimológico, que “cuida a terra”, que se dedica à terra, e que ao cultivar a terra também cultivava as palavras.

No primeiro parágrafo, quase em jeito de notícia jornalística, Leonel Fadigas confia-nos ao que vem, isto é o objeto da sua narrativa - uma história aventurosa:

*A vida aventurosa do coronel Isidoro Rodrigues Pereira, negociante, grande proprietário de fazendas e pessoa influente na vida de São Luís do Maranhão, está intimamente ligada à história da colonização do Brasil, e nomeadamente dos territórios do nordeste e da bacia do Amazonas, de meados do século XVIII até à independência do Brasil. Proprietário de terras, negociante, coronel de cavalaria do regimento de Caxias, vereador e presidente da Câmara de São Luís do Maranhão no período conturbado em que decorreu a adesão do Maranhão ao Brasil independente, a sua vida não passou ao lado das paixões amorosas que dão sentido à vida. (p. 13)*

Isidoro Rodrigues Pereira parte à aventura do Brasil certamente impulsionado por ecos da vivência e certamente dos sucessos, que chegavam a Maiorga, de dois conterrâneos seus - Bernardo José de Sousa (pai da sua futura mulher, Vicência Teodora Rosa, com quem casaria em 15 de outubro de 1784, na Sé de S. Luís) e seu primo António José de Sousa, sendo aquele proprietário de terras nas margens do rio Itapecuru, que nasce nas profundezas do sertão de Pastos Bons e desagua na baía do Arraial, a sul da ilha de São Luís. A estes juntar-se-ia João Rodrigues Pereira, irmão de Isidoro, que também partira para o Maranhão.

Isidoro chega ao Maranhão em 1779, num momento de expansão económica da Região, resultante da ação da Companhia Geral do Comércio e Grão-Pará e Maranhão. Em São Luís, assentou praça no ano de 1782 como porta-bandeira da 8.<sup>a</sup> companhia do terço de infantaria auxiliar da cidade, carreira que seguiria e da qual se aposentaria em 1820, no posto de coronel do regimento de milícias da vila de Caxias de Aldeias Altas.

A partir de 1783, com a idade de 25 anos, manteria simultaneamente uma intensa atividade econômica, quer como negociante da praça de São Luís do Maranhão (p. 84), quer como fazendeiro / “proprietário de terras e de escravos”, usando uma notável expressão do autor, na ribeira do Baixo Mearim, rio que nasce na serra Menina, no extremo sul do Estado do Maranhão, e desagua no Oceano Atlântico, na baía de São Marcos, entre a ilha de São Luís e o município de Alcântara. Um extenso patrimônio a que acrescentaria, mais tarde, bens fundiários na ribeira do Itapecuru (p. 71). Era um tempo, e um lugar, em que se expandiam as culturas do arroz e do algodão, e a cana-de-açúcar conhecia, também ela, um novo impulso. Um tempo em que recrudescia a ocupação e a exploração das terras pelo sertão húmido maranhense, ao longo dos rios, em que se implantariam muitas das vilas pombalinas, de matriz portuguesa (com o seu largo, a igreja, o coreto, o pelourinho, a casa da Câmara com a prisão no rés-do-chão e o fontanário público, que bem conhecemos). Na ribeira do rio Itapecuru constituir-se-ia um conjunto de propriedades, por sesmaria, sob a posse e exploração de um núcleo familiar em torno de Isidoro Rodrigues Pereira, de que são exemplos a sua mulher, um seu irmão e um sobrinho (p. 79). Um centro a partir do qual os negócios de Isidoro e sua mulher conheceriam um desenvolvimento com o alargamento do patrimônio fundiário do casal, de que a Fazenda de Santo António é um testemunho.

Para o aumento dos seus lucros, tornara-se também proprietário de uma embarcação de longo curso, que fazia a ligação entre São Luís e Lisboa, o Porto e Gibraltar, evitando intermediários na comercialização do que produzia, assim como lhe permitia aumentar a competitividade da sua atividade econômica (p. 85).

Na narração da aventura de Isidoro cabem outras *petites histoires*, as aventuras de outros, como as infligidas aos habitantes da região alcobacencense durante a tradicionalmente designada terceira invasão francesa.

Maiorga contava então com “cento e settenta fogos = e almas quatrocentos e outtenta”, número que não incluiria os inocentes, isto é, as crianças com idade até sete anos. Vira-se, porém, invadida pelas tropas francesas em 8 de outubro de 1810, tendo estas saído apenas em 7 de março de 1811. Tomando o testemunho do vigário *Luís Caetano da Silva Teixeira Queirós*, que assumiria a vida religiosa da paróquia na primavera de 1811, *a igreja matriz de São Lourenço foi arrombada e profanada “servindo de palheiro, em que as tropas francesas quebrarão todas as imagens dos santos, e também o Sacrario, rasgarão todos os missais, roupas e paramentos.”* E, acrescenta, “Roubarão os Vazos Sagrados, e finalmente nada ficou para se poderem

contin[uar] a celebrar os officios devinos”. De 19 mortes infligidas pelo exército inimigo, dos roubos sem exceção, de incêndios - de que ficou um edificio todo queimado, parte de dois e do alpendre da igreja - deu conta em “Relação”, de 16 de maio de 1811, acrescentando, “Dezacatos, feitos a sexo feminino, muitos e muitas violências (incluindo violações) a creaturas de toda a idade” (MNA - *Documentos para o estudo da época da Guerra Peninsular: Relação da freguezia de São Lourenço da vila de Maiorga*. 1811, maio 16).

Na sequência da destruição deixada, quer pelo exército invasor, quer pelos aliados, ajudaria os seus familiares da Maiorga, que do interior da primeira Linha, das Linhas de Defesa de Torres Vedras, sobretudo no termo da então vila homónima, voltariam às suas terras a partir do final de março de 1811. Esta foi a forma de escaparem à tortura dos soldados franceses, sorte que não tiveram os idosos, os entrevados e os doentes, que, incapazes de caminharem, permaneceram nas suas casas à espera da morte. Outros, ainda, na Maiorga como em muitas aldeias da Estremadura e das Beiras, incapazes de abandonarem as suas terras, refugiaram-se nos montes, nos matos e nas florestas, como uma irmã de Isidoro, Maria Batista, de 48 anos, que, tendo-se refugiado no mato, ali faleceu, tendo sido “comida pelos bixos” (p. 104). O donativo britânico traria alguma ajuda à população, mas não seria certamente suficiente, dada a sua escassez e tamanha a carência. Por isso, Isidoro Rodrigues Pereira remeteria, em final de 1811, algum dinheiro para ajudar a recuperar bens destruídos e a retomar o cultivo das terras, através da aquisição de sementes ou da compra de alfaias agrícolas, para que contribuiria o donativo britânico, quando não para fazer face aos mais pobres e doentes (p. 108). Disponibilizar-se-ia ainda para receber familiares no Maranhão.

Isidoro pertenceu, com sua mulher Vicência Teodora Rosa, à irmandade da Ordem Real e Militar de Nossa Senhora das Mercês da Redenção dos Cativos, de que era benfeitor e que lhe garantiria um local digno de sepultura no convento de Nossa Senhora das Mercês, como se encontrava ligado à irmandade do Senhor dos Passos, responsável pela organização das festas da Semana Santa e da Páscoa, e à irmandade do Santíssimo Sacramento da Sé, da qual faziam parte as personalidades social, economica e politicamente mais influentes da cidade.

Tendo ficado viúvo em 1822, por morte de Vicência Rosa, em 25 de abril deste ano, voltaria a casar-se em 7 de agosto com Ana Joaquina Jansen, de quem viria a ter seis filhos. Porém, Isidoro mantinha já há alguns anos uma relação com Ana Jansen, que depois da morte de Isidoro, ocorrida em 1825, se tornaria a mulher mais rica da região, sendo conhecida como a “Rainha do Maranhão”.

Este é também um livro, que nos oferece o impacto político da Guerra Peninsular, com a saída estratégica da família Real para o Brasil, que criaria as condições para a independência deste novel país, o governo da regência de Beresford, e o processo em curso, que culminaria na Revolução Liberal de 1820 e na formação de Cortes Constituintes. Neste contexto, Isidoro Rodrigues Pereira fora sempre fiel a D. João VI, testemunhando-o o seu texto redigido em 1820 intitulado *Relação fiel da ação de patriotismo e fidelidade que a Câmara e povo da cidade de São Luís do Maranhão praticou, em obséquio do muito alto e poderoso rei, o senhor D. João VI*, bem como outro texto, sob o título *Advertências interessantes à província do Maranhão*, ambos publicados em 1822. Certamente, era-lhe vantajosa esta posição, quando era mais fácil manter uma atividade comercial com Lisboa do que com o Rio de Janeiro a partir do Maranhão, que sempre manteve a sua singularidade no território do Brasil: Pois, antes da chegada da família Real ao Brasil, não respondia ao Rio de Janeiro, mas diretamente a Lisboa, assim como, em 1822, não se colocou ao lado do Rio de Janeiro no reconhecimento da independência do Brasil, que apenas reconheceria em 28 julho de 1823, sendo presidente da Câmara de São Luís Isidoro Rodrigues Pereira. Em tudo isto, Isidoro Rodrigues Pereira esteve presente, como seria, em 7 de agosto seguinte, o primeiro subscritor do auto de juramento da independência do Brasil e de obediência ao Imperador D. Pedro I, testemunho de como soubera interpretar cada tempo e as suas circunstâncias. Também, o testemunho de como o sucesso nos negócios e na vida social maranhense o levaram a desempenhar diversos cargos públicos na cidade de S. Luís. Mas a vida impõe limites, e limites à própria vida. Isidoro Rodrigues Pereira morreria em 17 de agosto 1825, sendo a sua aventura e a sua vida continuadas pelas vidas e aventuras dos filhos.

Pelo que dissemos, este é um livro que, numa Era da globalização, coloca a Maiorga no Mundo, ligando-a de forma indelével, ao império português e, mais especificamente ao Brasil e ao Maranhão, sendo tempo de endereçar os parabéns ao autor, pela narrativa com que nos brinda, assim como ao Editor, pela aposta no projeto, quando a Cultura e o mercado no livro não conhecem os melhores tempos. Mas este é um livro oportuno, sobre Alcobaça, sobre o Maranhão, sobre Portugal e o Brasil, que narra as aventuras de Isidoro Rodrigues Pereira e que, a partir da sua lente, se percorrem tempos e lugares, unidos por uma vida. E não existe hiato entre a vida de Isidoro Rodrigues Pereira e a sua memória, pois, como disse Fiama Hasse Pais Brandão, “A vida é memória da vida” (BRANDÃO, 2017: 618). Por último, um livro enriquecido com o prefácio de Marcelo Cheche Galves, professor da Universidade Estadual do Maranhão

(UEMA) e autor de diversos estudos sobre o Maranhão, entre os quais um dedicado a Isidoro Rodrigues Pereira.

## **Referências Bibliográficas**

BRANDÃO, F. H. P. (2017) – *Obra breve: poesia reunida*. Porto: Assírio & Alvim.

FILHO, A. K. G. P. (2016) – *Varando mundos: Navegação no vale do rio Grajaú*. São Luís: UEMA.

